

Carmina Imperialia: as veleidades poéticas dos Césares

MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR¹

*Doutorando da Faculdade de Letras da UFMG e da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra*

Abstract: Due to the political goals of official patronage, or because of regular contact with normally refined and cultured courts, the poetic taste of the Roman emperors has shaped, both by co-optation and encouragement of adulation, the literary production of the intellectuals of their time. Therefore, the study of the poems attributed to the Caesars allows the understanding of the trials and tribulations of the Roman imperial literary production.

Keywords: *Carmina Imperialia*, imperial patronage.

1. Introdução: a corte dos Príncipes e o mecenato imperial

Quando Otaviano, após vencer a batalha de Ácio, acedeu à púrpura imperial, iniciou-se em Roma um vasto programa de reconstrução das instituições depauperadas pelos conflitos havidos desde as Guerras Civis. No processo de reconstrução da urbe e de formação do império, incentivaram-se também as produções intelectuais, na tentativa de cooptação de pensadores e poetas para a formação da base ideológica do regime que se instalava. Coube a Mecenas estabelecer a comunicação entre os escritores e o Poder, de modo a tornar efetiva a transmissão literária dos valores embutidos na propaganda que anunciava a grandeza de Roma, a *Pax Augusta* e as virtudes do príncipe, transformado ele mesmo em símbolo do Estado Romano². Por isso, seguindo a já secular tradição de os generais romanos ligarem a si poetas que os celebrassem³, Mecenas, em prol de Augusto, ofereceu condição de subsistência, proteção e prestígio aos mais importantes poetas de sua

Texto recebido em 09.11.2009 e aceite em 13.03.2010.

¹ gouvea.bh@terra.com.br.

² M. Citroni et alii (2006): 442.

³ P. Grimal (2001): 55.

geração. O imperador podia assim, senão dirigir a produção literária dos patrocinados, ao menos sugerir, muitas vezes de modo sutil, o *ethos* e as temáticas que gostaria de ver nas obras, garantindo a celebração de si e o anúncio da importância do império.

Desde então, no curso da história da literatura latina, apesar das breves interrupções nos períodos conturbados de Calígula, de Galba, de Otão ou de Vitélio, os imperadores romanos deram continuidade à política cultural fundada por Augusto; e o mecenato imperial, à semelhança dos mecenatos privados, tornou-se prática corrente de incentivo. Entretanto, de forma mais ostensiva, os interesses individuais, as idiosincrasias e as preferências de cada novo imperador passaram a condicionar a produção cultural, e o gosto do *Princeps* deixou de ser apenas sugerido para se tornar baliza obrigatória para as tendências literárias.

2. As veleidades poéticas imperiais

Pese embora o primeiro imperador romano ter sido Augusto, a linhagem dinástica por ele encabeçada, a dos Júlio-Cláudios, encontrava sua justificativa imediata no *Testamento* de César, por meio do qual este instituíra seu sobrinho-neto como herdeiro. Por esse motivo, o estudo das produções poéticas imperiais pode ser retroagido, em relação ao início do Principado, em algumas décadas para noticiar, ainda que brevemente, os versos de Caio Júlio. De fato, a produção literária de César foi de grande monta. Elogiado por Cícero pela elegante eloquência e pela nobreza de seu estilo⁴, sua obra restringe-se, na atualidade, a uma maioria de *Comentarii*. Contudo, ao menos duas referências reportadas por Suetônio noticiam sobre as composições poéticas suas — hoje perdidas. Primeiro, o biógrafo alude ao poema *Iter* — *A Viagem*, escrito na viagem de vinte e quatro dias entre Roma e a Espanha Ulterior. Em seguida, no mesmo trecho, Suetônio da conta sobre as composições juvenis de César, as quais, decerto pela

⁴ Cic. *Brut.* 262.

imaturidade do poeta, Augusto, anos mais tarde, proibira que fossem publicadas⁵:

*Há ainda obras que foram escritas na infância ou na adolescência, como “Os Elogios a Hércules”, a tragédia “Édipo” e ainda uma “Coletânea de Ditos” — livros estes que Augusto proibiu que fossem publicados, em uma carta, ao mesmo tempo breve e simples, enviada a Pompeu Mácer, a quem delegara ordenar as bibliotecas*⁶.

Contudo, ao menos três poemas atribuídos a César ainda restaram. O primeiro, reportou-o Suetônio no comentário final da *Vita Terentii*, nas comparações entre o comediógrafo latino e seu modelo — Menandro. A última das comparações foi estabelecida exatamente por meio dos versos de César. Nos seis hexâmetros, o autor elogiou Terêncio, lamentando-se apenas de que aquele não possuísse o mesmo vigor estilístico de seu congênere grego:

A Terêncio Afro:

*Tu também, ó quase-Menandro, tu nas alturas,
serás, por mérito, posto, ó amante da fala pura.
Mas quem dera que à elegância dos (teus) escritos unisse-se o vigor,
para que a tua excelência cômica alcançasse honra igual
à dos gregos, e para não jazeres, por esse motivo, desprezado.
Só isso lamento e deploro que te falte, ó Terêncio*⁷.

O segundo poema, composto por três dísticos elegíacos, tem sua atribuição menos precisa do que o primeiro, podendo ser considerado, com as mesmas incertezas, também de Augusto ou de

⁵ Todas as traduções presentes no artigo foram feitas pelo autor para este artigo.

⁶ Suet. Jul. 56: “feruntur a puero et ab adolescentulo quaedam scripta, ut ‘Laudes Herculis,’ tragoedia ‘Oedipus,’ item ‘Dicta collectanea’: quos omnis libellos uetuit Augustus publicari in epistula, quam breuem admodum ac simplicem ad Pompeium Macrum, cui ordinandas bibliothecas delegauerat, misit”.

⁷ Suet. Poet. 1. 5: “Tu quoque, tu in summis, o dimidiate Menander,/ Poneris, et merito puri sermoni amator,/ Lenibus atque utinam scriptis coniuncta foret vis,/ Comica ut aequato virtus polleret honore/ Cum Graecis, neque in hac despectus parte iaceres!! Unum hoc maceror, et doleo tibi deesse, Terenti.

Germânico⁸. Nele, narra-se a história de um menino trácio que se afogara no rio Hebro, e cujo osso, arrancado de sua cabeça pela violência da correnteza, recebeu da mãe os ritos fúnebres crematórios, enquanto o restante do corpo fora levado pelo caudal do rio:

A um menino trácio afogado:

*Um menino trácio, enquanto brinca no Hebro enregelado,
rompe as águas endurecidas pela força do frio
e, enquanto as partes de baixo são arrastadas pelo rápido rio,
um osso liso separa-se da tenra cabeça.
Por isso, enquanto a mãe que perdera o filho punha o (osso) achado
numa urna,
disse: “este eu pari para as chamas, os outros, para as águas”⁹.*

Finalmente, resta também atribuído a César um dístico elegíaco, mas cuja autoria é ainda mais incerta. Nele o poeta despede-se da Féltria, uma cidade do Vêneto:

À Féltria:

*Ó Féltria, condenada ao perpétuo rigor das neves,
terra que agora deixarei, adeus!*¹⁰

É bem verdade que Júlio César não teve à sua volta, como os seus sucessores, uma corte imperial e um séquito de poetas adula-
dores que se influenciassem ou se dirigissem de acordo com o seu
gosto. Entretanto, o cuidado de Augusto na proibição da publi-
cação da juvenília do tio-avô parece demonstrar a preocupação de
fortalecer a impressão de excelência de seu antecessor, de modo
que apenas restassem obras de maior valor literário, como prova-
velmente é o caso dos hexâmetros sobre Terêncio. Afinal, se o

⁸H. Meyrus (1838): 17.

⁹ H. Meyrus (1838): 17: “*Thrax puer astricto glacie dum ludit in Hebro, / Frigore concretas pondere rupit aquas, / Dumque imae partes rapido traherentur ab amne, / Abscidit tenerum lubrica testa caput. / Orba quod inventum mater dum conderet urna, / Hoc peperit flammis, cetera, dixit, aquis!*”.

¹⁰H. Meyrus (1838): 17: “*Feltria, perpetuo nivium damnata rigore, / Terra mihi poshac adeunda, vale.*”

gosto do imperador condicionava de algum modo a produção que o celebrava, também César deveria ser reverenciado no início do Império, porquanto nele e em suas qualidades também se alicerçava o novo governante. Ademais, o estilo apurado de César, como referido por Cícero em relação a seus textos em prosa, prenunciava o gosto sóbrio e clássico de Otávio, que se imporia como diretriz das décadas seguintes.

Por sua vez, durante o governo de Augusto, quando de fato formou-se a primeira corte imperial, a vontade do soberano tentou prevalecer, embora sem a constrangedora obrigatoriedade imposta por alguns de seus sucessores — e isso é perceptível na série de *recusationes* dos poetas seus protegidos, como em Horácio¹¹. Afinal, seu projeto de reedificação do Estado, que pretendia restaurar a moralidade e os costumes dos antigos, perseguia, também por meio da literatura, reanimar as antigas tradições nacionais, suscitar nas classes sociais o desejo dos pretéritos dias de glórias, restaurar a religião em sua pureza primitiva e retornar a população aos valores agrários, sob a inspiração dos tempos primevos da República. Era, enfim, a tentativa da utilização da produção dos intelectuais para robustecer o projeto de recriação da identidade romana nacionalista e imperial¹².

Entretanto, a atenção dada por Augusto à literatura não se restringia ao seu uso ideológico, já que ele próprio demonstrava algum interesse pelo assunto. Não é outro o testemunho de Suetônio ao afirmar que “na mocidade, Augusto dedicara-se à eloquência e às artes liberais com paixão e zelo extremos”¹³. Além disso, o próprio Suetônio ainda ofereceu outra notícia da produção literária do imperador:

¹¹ Hor. *Carm.* 1.6; 2. 12.

¹² C. Millares (1995): 99.

¹³ Suet. *Aug.* 84: “*Eloquentiam studiaque liberalia ab aetate prima et cupide et laboriosissime exercuit*”.

Compôs muitas e variadas obras em prosa, das quais recitou algumas, tanto em contexto familiar quanto em público, como A resposta de Bruto sobre Catão, cujo livro, como ele, já velho, tendo lido sua maior parte, fatigado, entregou a Tibério para que completasse a leitura. Também (leu) as Exortações à Filosofia e algo do Sobre sua vida, que relatou em treze livros, até a guerra Cantábrica e nada além. Interessou-se superficialmente pela poesia. Um único livro sobrevive, escrito em versos hexâmetros, cujo argumento e título são A Sicília. Sobrevive também um outro (livro), modesto, de epigramas, que compôs na maioria das vezes na hora do banho. De fato, começou com grande empenho uma tragédia; porém, não satisfeito com o estilo, apagou-a. Quando os amigos lhe perguntaram o que Ajax fizera, respondeu que seu Ajax caíra na esponja¹⁴.

De fato, o único fragmento restante da obra poética de Augusto parece encaixar-se na referência de Suetônio ao livro de epigramas composto na intimidade e na informalidade do banho, apesar de ser bastante questionável esse tipo de atribuição de autoria. Trata-se de um trecho de seis versos inseridos na Epigrama 21 do *Liber XI*, de Marcial. Ali, em sua poesia de feição cômico-realista, o epigramista explicitou a drástica obscenidade dos pretensos versos de Augusto exatamente como demonstração do contraste entre a proverbial sobriedade do antigo imperador e seus versos pouco pudicos, com o intuito de justificar sua própria obscenidade, como se depreende da leitura da ironia do advérbio *nimirum*, no penúltimo verso — “De fato, Augusto, absolves os livros espirituosos, tu que sabes falar com a simplicidade

¹⁴ Suet. Aug. 85: “Multa varii generis prosa oratione composuit, ex quibus nonnulla in coetu familiarium velut in auditorio recitavit, sicut “Rescripta Bruto de Catone,” quae volumina cum iam senior ex magna parte legisset, fatigatus Tiberio tradidit perlegenda; item “Hortationes ad philosophiam,” et aliqua “De vita sua,” quam tredecim libris Cantabrico tenus bello nec ultra exposuit. Poetica summatim attigit. Unus liber exstat scriptus ab eo hexametris versibus, cuius et argumentum et titulus est “Sicilia”; exstat alter aequae modicus “Epigrammatum,” quae fere tempore balinei meditabatur. Nam tragoediam magno impetu exorsus, non succedenti stilo, abolevit quaerentibusque amicis, quidnam Ajax ageret, respondit, Aiace suum in spongeam incubuisse”.

romana”¹⁵. É bem verdade que o gênero epigramático já era cultivado em Roma, sob inspiração grega, ao menos desde os tempos de César, a buscar efeitos de surpresa e de comicidade, o que não torna de todo inverossímil sua atribuição, como estabelecida por Marcial¹⁶.

De uma epigrama de Marcial (tradução atenuada):

*Por que Antônio possuiu Gláfira, esta pena a mim
Fúlvia cominou: que eu também a possuía.
Que eu possuía Fúlvia? Por que, se Mânio pedir que o
possuía, o farei? Não creio, se eu for prudente.
“Ou (me) possuía ou briguemos”, diz. Por que, se para mim, mais que a vida,
Me é caro o membro? Toquem as trombetas!*¹⁷

Com a morte de Augusto, todavia, e logo, em seguida, com o desaparecimento de Ovídio e de Tito Lívio, encerrou-se o período da geração *augustana*. Sucedeu-o Tibério e, com ele, alterou-se inteiramente o modo do fazer poético na urbe. A bem da verdade, essa mudança do gosto literário principiou-se ainda no final do governo de Augusto, devido a uma série de alterações da própria sociedade, cujas motivações podem ser consideradas decorrentes, em última análise, da prosperidade alcançada na vigência da *Pax Romana*. Primeiramente, graças à nova organização da formação escolar latina, como estabelecida por Augusto, a cultura difundiu-se e deixou os círculos aristocráticos para se tornar um ingrediente de prestígio também das classes emergentes, como se vê na *Cena Trimalchionis*, na sátira de Petrônio. Fora isso, o aumento da produção editorial, com a decorrente maior circulação de livros, e o início da prática dos recitais — ou as *declamationes* —, em

¹⁵Mart. 11.20.9-10: “*Absolvīs lepidos nimirum, Auguste, libellos, / qui scīs Romana simplicitate loquī*”.

¹⁶M. Citroni et alii (2006): 878.

¹⁷Mart. 11.20: “*Quod futuit Glaphyren Antonius, hanc mihi poenam/ Fulvia constituit, se quoque uti futuam. / Fulviam ego ut futuam ! Quid, se se Manius oret / Paedicem? Faciam? Non puto, si sapiam. / Aut futue aut pugnemus, ait. Quid, si mihi vita / Carior est ipsa mentula? Signa canant!*”.

ambientes privados e em auditórios públicos, e com o aumento da importância do uso da Retórica para a gestão do poder e da *Coisa Pública*, houve um considerável aumento da articulação de idéias e de tendências entre as correntes literárias e, por conseguinte, uma maior diversificação dos temas abordados pelos escritores diletantes que, em tentativa de demonstração de seu cabedal cultural, passaram a se deleitar com gêneros menores, com temáticas raras e preciosas¹⁸. Além disso, o gosto literário de Tibério¹⁹, cuja simpatia pela poesia neotérica fazia privilegiar uma literatura descomprometida e de entretenimento, favoreceu o afastamento da função política e propagandista evidente no período de Augusto, remetendo-a para o domínio privado do *otium*. Outra não é a indicação fornecida por Suetônio:

Cultivou com diligência as artes liberais de ambos os gêneros. Na eloquência latina, seguiu o velho Corvino Messala, a quem acompanhara na juventude. Contudo, com afetação e muita morosidade obscurecia o estilo, de tal maneira que o que era feito de improviso era considerado superior ao que havia a preocupação do tempo. Compôs um poema lírico, cujo título era "Lamento da morte de L. César". E fez poemas gregos imitando Euforíão, Riano e Partênio, de quem as poesias todas lhes agradavam — dedicou-lhes imagens nas bibliotecas públicas, entre os principais autores antigos, e isto fez com que muitos eruditos lhe enviassem, amiúde, muitos comentários acerca deles. Porém, sobretudo cuidou da notícia das histórias mitológicas, até o absurdo e o ridículo. De fato, experimentava os gramáticos, que eram a raça de homens de que, como dissemos, mais gostava, mais ou menos com essas questões: "Quem era a mãe de Hécuba? Que nome tinha Aquiles entre as virgens? O que as sereias costumavam cantar?"²⁰

¹⁸M. Citroni et alii (2006): 657.

¹⁹R. Meyer (1982): 306.

²⁰Suet. Tib. 70: "*Artes liberales utriusque generis studiosissime coluit. In oratione Latina secutus est Corvini Messalam, quem senem adulescens observarat. Sed adfectione et morositate nimia obscurabat stilum, ut aliquanto ex tempore quam a cura praestantior haberetur. Composuit et carmen lyricum, cuius est titulus "conquestio de morte L. Caesaris." Fecit et Graeca poemata imitatus Euphorionem et Rhianum et Parthenium, quibus poetis admodum delectatus scripta omnium et imagines publicis bibliothecis inter ueteres et praecipuos auctores*

Apesar das notícias das preferências literárias de Tibério e de suas tentativas poéticas, nenhum fragmento de suas obras sobreviveu. No entanto, o gosto imperial afirmou-se no cenário cultural romano, e um grande distanciamento estabeleceu-se entre aqueles autores da geração augustana e os que se lhes seguiram, levando ao surgimento de uma certa sensação de epigonismo, ou seja, de que o momento mais importante das letras latinas já se havia esgotado e de que aos novos poetas restavam tão-só a cópia e a emulação daqueles.

Se das veleidades poéticas de Tibério não restaram registros, outra é a situação dos versos de seu sobrinho Germânico César, o gorado príncipe, filho de Druso e de Antônia (filha de Marco Antônio e de Otávia, irmã de Augusto) que fora adotado por Tibério no ano 4 d.C. para ser seu sucessor dinástico, mas que morreu de modo prematuro em 19 d.C., presumivelmente assassinado pelo próprio tio por inveja de sua crescente popularidade²¹. Afinal, as hostilidades havidas entre o Senado e Tibério, e entre este e a população romana, fizeram com que uma espécie de aura mística formasse-se em torno de Germânico, transformando-o, em evidente contraste com o imperador, na imagem do príncipe humano e valoroso, que de algum modo reencarnaria as virtudes de Augusto²². Ademais, juntamente com a notícia de seus méritos militares e de sua cordialidade para com os cidadãos, Germânico era ainda considerado por seus contemporâneos — seja como forma de adulação, ou não — bom poeta e protetor das letras, como atesta Ovídio na dedicatória a ele oferecida nos *Fasti* e na *II Epistula Ex Ponto* — obras das quais ainda se permite a inferência

dedicauit; et ob hoc plerique eruditorum certatim ad eum multa de his ediderunt. Maxime tamen curauit notitiam historiae fabularis usque ad ineptias atque derisum; nam et grammaticos, quod genus hominum praecipue, ut diximus, appetebat, eius modi fere quaestionibus experiebatur: "Quae mater Hecubae, quod Achilli nomen inter uirgines fuisset, quid Sirenes cantare sint solitae".

²¹ Suet Cal. 3.

²² M. Citroni et alii (2006): 695.

de tenha havido em torno de Germânico uma pequena corte de poetas e de intelectuais dispostos a celebrá-lo. A ele atribuídos restam atualmente dois fragmentos de razoável extensão de uma tradução dos *Phaenomena* — o poema didascálico de Arato, escrito originariamente em grego no século III a.C. Em sendo mesmo dele a tradução, trata-se de mais uma versão latina do célebre poema alexandrino, como as já empreendidas por Cícero e por Varrão Atacino²³. Por sua vez, de sua também incerta produção literária autoral restaram conhecidos quatro epigramas, sendo três delas em grego e uma em latim, e um ainda mais duvidoso *Epitaphium*.

Na *Epigramma I — ad Hectoris tumulum*, considerada por alguns, embora minoritariamente, como do imperador Adriano²⁴, há a invocação ao troiano Heitor para que este descanse no além-túmulo, porque lhe sucedera, certamente na figura do imperador romano descendente mítico de Enéas, um vingador que se impusera sobre os tessálios — o povo de Aquiles. Era, como já estabelecido desde as épicas de Nêvio e de Virgílio, a celebração do passado mítico de Roma e da própria dinastia Júlia, que se dizia originada do filho troiano de Vênus:

Ao túmulo de Heitor:

Ó Heitor, descendente de Marte (que sob a terra
possam ser ouvidas as minhas palavras),
descansa, porque te coube um herdeiro vingador
que traz fama à tua pátria.
Eis que de novo ergue-se a ínclita Tróia; cultua-a um povo
menos belicoso que tu, mas também amigo da guerra.
Diz, Heitor, a Aquiles, que todos os mirmidões morreram
e que a Tessália está sob os grandes filhos de Enéas.²⁵

²³ M. Citroni et alii (2006): 307 -355.

²⁴ Germanicus (1838): 111.

²⁵ Germanicus (1838): 112: “*Martia progenies, Hector, (tellure sub ima / Fas audire tamen si mea verba sit) / Respira, quoniam vindex tibi contigit heres, / Qui patriae famam proferat usque tuae. / Ilios en surgit rursus inclita; gens colit illam /*

Já no *Epitaphium*, avisava-se ao estranho que o lia que ali se encontra Germânico, o pai de Calígula. Nele, o espírito do príncipe que diz ter dado descanso a tantos desconhecidos pede que se conte em Roma que ele fora morto pela insídia paterna, em presumível referência ao seu assassinato ordenado por Tibério. Além disso, os versos seguintes informam o motivo de sua morte: sendo ele detestado unicamente por seu algoz, dera um filho à pátria — o que o imperador não conseguira fazer. Finalmente, o epitáfio chama por testemunhas de seu infortúnio as lágrimas do povo e da nobreza:

Epitáfio a si mesmo:

A GERMÂNICO CÉSAR, PAI DE CALÍGULA

*Num parco túmulo, ó estranho, aqui, estou: César Germânico;
eu mesmo, que muitas vezes dei pouso a desconhecidos.
Mas, como nenhuma graça toca aquele de quem é o túmulo,
conte-se que aqui jazo por pátria insídia.
Mas jazo, sem vida embora com honra,
detestado só por um, porque gerei um filho para pátria.
São testemunhas o costume das lágrimas, o povo e os senadores —
Estas sentenças são notícias sinceras²⁶.*

De fato, os poucos versos autorais atribuídos a Germânico não permitem valorar corretamente seu estilo ou seu gosto literário. Entretanto, a escolha do objeto de sua tradução — o poema alexandrino de Arato — e a existência das epigramas escritas em grego remetem-no ao interesse dos poetas neotéricos

Te Marte inferior, Martis amica tamen. / Myrmidonas periisse omnes dic, Hector, Achilli, / Thessaliam et magnis esse sub Aeneadis".

²⁶Germanicus (1838): 98: "*Germanici Caesaris, Caligulae Patris. Parce, hospes, tumulo, Caesar Germanicus hic sum: / Saepe etiam ignotis ipse dedi réquiem. / Quod si quem tumuli nihil hujus gratia tangit, / admoneat, patria fraude quod hic jaceo. Sed jaceo, quamvis nom vitae et plenus honore, / hoc uno ingratus, quod genui patriae. / Testata est mores lacrimis plebesque patresque, / haec sunt sinceri judicium indicii*".

pelas temáticas eruditas e mitológicas, bastante adequado à feição de toda a produção do período.

Morto Germânico, o sucessor de Tibério foi o filho daquele, Calígula, cuja atuação celerada no governo em nada incentivou as produções literárias, não as influenciando diretamente²⁷. Afinal, seu interesse pelas chamadas artes liberais restringia-se ao exagero da prática da eloquência — e seus discursos abundantes pareciam consequência de sua loucura, como outra vez atesta Suetônio:

Das artes liberais, foi pouco aplicado à erudição e muito à eloquência, tendo imensa e pronta facilidade em falar, ainda mais se perorando contra alguém. Irado, as palavras e as sentenças afluíam em abundância. A elocução e a voz eram de tal ardor que não permanecia no mesmo lugar e se fazia ouvir pela assistência ao longe. Quando devia perorar, lançava as armas preparadas em lucubrações, desprezando o estilo doce e enfeitado de se escrever, e dizia que Sêneca, então maximamente do agrado, compunha “meros discursos pomposos” e que era “areia sem cal”. Costumava também reescrever os discursos dos oradores e preparar acusações e defesas dos grandes no Senado; e, conforme melhor fosse para a escrita, ou agravava ou aliviava a decisão, e a ordem equestre era convidada, por édito, a ouvi-lo²⁸.

Calígula foi morto em uma conjuração de tribunos e centuriões e sucedeu-o seu tio Cláudio, cuja célebre inépcia fora declarada já por Augusto em três cartas transcritas por Suetônio²⁹. Além disso, sua estultícia também foi exibida por Sêneca, na jocosa

²⁷M. Citroni et alii (2006): 661.

²⁸ Suet. Cal. 53: “Ex disciplinis liberalibus minimum eruditioni, eloquentiae plurimum attendit, quantumvis facundus et promptus, utique si perorandum in aliquem esset. Irato et verba et sententiae suppetebant, pronuntiatio quoque et vox, ut neque eodem loci prae ardore consisteret et exaudiretur a procul stantibus. Peroraturus stricturum se lucubrationis suae telum minabatur, lenius comptiusque scribendi genus adeo contemnens, ut Senecam tum maxime placentem “commissiones meras” componere et “harenam esse sine calce” diceret. Solebat etiam prosperis oratorum actionibus rescribere et magnorum in senatu reorum accusationes defensionesque meditari ac, prout stilus cesserat, vel onerare sententia sua quemque vel sublevare, equestri quoque ordine ad audiendum invitato per edicta”.

²⁹ Suet. Cl. 5.

metamorfose póstuma do imperador³⁰. Entretanto, a despeito da impressão de pouca inteligência transmitida pelas fontes antigas³¹, Cláudio também foi retratado como admirador de Tito Lívio, de tal modo que, por este incentivado, chegara a desenvolver genuíno gosto pela história e pela erudição, a ponto de ter escrito um tratado em 41 livros sobre a história do Império desde da batalha da Ácio. Ademais, ainda que não se conheçam referências nem ao gosto nem à produção poética ou à influência de Cláudio sobre os poetas de seu tempo, Suetônio reportou que ele escrevera, em grego, a *História Etrusca* e a *História Cartaginesa*³², e, em latim, umas *Memórias* de sua vida, e uma *Defesa de Cícero*, considerada pelo biógrafo de extrema erudição³³.

Será, então, Nero que acederá ao trono imperial após sua mãe, Agripina — a filha de Germânico —, assassinar Cláudio — pai adotivo do novo *princeps*. Entretanto, apesar deste e dos demais crimes dinásticos ocorridos no início do reinado neroniano, o advento do novo governo foi considerado auspicioso pela maioria da população e pelos artistas. Além disso, a classe Senatorial, desgostosa com as reformas executadas por Cláudio, festejou as promessas de regresso às políticas de Augusto. Nesse sentido, a opção de Nero de incentivar maciçamente as artes proporcionou o ressurgimento tanto do mecenato imperial quanto da própria produção poética latina, cujas funções propagandistas e laudatória levariam à exaltação e à ornamentação do monarca. Na tentativa de reviver os anos áureos da literatura augustana, os modelos de uma literatura latina já considerada clássica foram assim retomados, e o gosto sóbrio dos anos do início do Império foi, de algum modo, copiado. Provam-no o encômio ao advento do novo reinado presente na *I Bucolica* de Calpúrnio Sículo, de

³⁰ Sen. *Apoc.*

³¹ Suet. *Cl.* 41.

³² Suet. *Cl.* 42

³³ Suet. *Cl.* 41.

inspiração inegavelmente virgiliana; o poema geórgico, também de matriz virgiliana, presente no livro X do *De Re Rustica*, de Columela; além das sátiras de Pérsio — todos esses escritos nos primeiros anos do reinado de Nero. Tinha, assim, início uma fase de inspiração clássica³⁴.

Contudo, tanto a impressão de que o governo de Nero fosse o retorno do de Augusto quanto a adesão dos poetas às matrizes e ao gosto daquele período não tiveram vida longa. Afinal, as políticas do regime, os excessos comportamentais e as veleidades artísticas do próprio príncipe não condiziam com a realidade idealizada dos primeiros anos do principado. Afinal, Nero aproximava-se mais do modelo presente nas monarquias orientais e helenísticas do que das tradições romanas, que em Otávio seria o espelho. O testemunho de Eutrópio deste modo o descreveria, absolutamente afastado da solenidade havida na corte de seu primeiro antecessor imperial:

*Sucedeu-o (a Cláudio) Nero, muito semelhante ao avô Calígula, que tanto deformou quanto diminuiu o império Romano. (...). Finalmente, se apresentou com imensa infâmia quando dançava e cantava em cena, como um tocador de cítara ou vestido de ator trágico*³⁵.

À medida que se distanciava dos modelos augustanos, Nero, que se tornava cada vez mais exagerado e histriônico, favorecia o incremento daquela literatura aparatosa e patética, carregada de cores intensas e de efeitos grandiloquentes iniciada nos tempos de Tibério. Além disso, a instabilidade social decorrente da absurda violência do regime e a influência retórica das declamações iniciadas também sob o governo de Tibério refletiram-se na poesia do período, que se fez anticlássica, em contraste com a recente tradição latina e com o início do principado.

³⁴ R. Meyer (1982): 305-318.

³⁵ Eutr. 7. 14: "*Successit huic Nero, Caligulae, avunculo suo, simillimus, qui Romanum imperium et deformavit et diminuit (...). Ad postremum se tanto dedecore prostituit, ut et saltaret et cantaret in scaena citharoedico habitu vel tragico*".

Quanto a Nero, que julgava sua função literária mais importante até mesmo do que a de governante, já que em sua morte teria se lamentado antes pelo artista que Roma perdia que pelo príncipe³⁶, ele próprio se incluiu entre os poetas. As fontes atribuem-lhe numerosas obras, que teriam sido escritas com rapidez, embora sem unidade de estilo ou conexão de pensamentos, como reporta Tácito:

Do imperador não bastava que se conhecessem as artes cênicas; também ambicionava o exercício dos versos, cercado-se daqueles que tinham a habilidade de compor, embora ainda não insignes pela fama. Estes se reuniam e conectavam seus versos fornecidos ou improvisados, e também aproveitavam todas as suas palavras. Isso mostra a espécie de versos, sem ímpeto nem instinto, como se fluindo de mais de uma boca³⁷.

Entre as obras atribuídas a Nero havia epigramas eróticas³⁸ e satíricas³⁹, um poema mitológico sobre Átis⁴⁰, e uma épica citada ironicamente por Juvenal⁴¹, chamada *Troica*. Esse último poema, de tema iliádico, teria sido recitado pelo imperador no teatro diante da aristocracia⁴² e, em uma hipótese sem possibilidade de verificação, talvez fosse aquele que Nero teria declamado ao contemplar o célebre incêndio de Roma⁴³. Entretanto, em que pese a recusa de Juvenal em conceder a Nero a autoria dos *Troica*, foi novamente Suetônio quem descreveu suas habilidades poéticas, como talvez tendo sido de alguma relevância:

³⁶M. Citroni et alii (2006): 713

³⁷ Tac. *Ann.* 14.16: “*Ne tamen ludicrae tantum imperatoris artes notescerent, carminum quoque studium adfectavit, contractis quibus aliqua pangendi facultas necdum insignis aestimatio. hi considerare simul, et adlatos vel ibidem repertos versus conectere atque ipsius verba quoquo modo prolata supplere. quod species ipsa carminum docet, non impetu et instinctu nec ore uno fluens*”.

³⁸ Mart. 9.26.9; Plin. *Nat.* 38.50.

³⁹ Suet. *Dom.* 1.:atribuição a Nero de O Zarolho.

⁴⁰ Pers. 1. 93-95.

⁴¹ Juv. 8. 220-221.

⁴² Dio Cas. 82. 17.

⁴³ Suet. *Nero.* 38.

Desde menino, aplicou-se a todas as artes liberais. Porém, sua mãe o afastou da filosofia advertindo-o de que era contrária a um futuro imperador. Seu preceptor Sêneca vedou-lhe o estudo dos antigos oradores, para que aquele permanecesse por mais tempo a admirá-lo. Por isso, [Nero] encaminhou-se para a poética e, de bom grado e sem esforço, compôs versos. Como pensam, não apresentou composições alheias como suas. Vieram às minhas mãos pranchetas e livrinhos com versos seus conhecidíssimos, escritos de próprio punho, que facilmente parecem que não foram transcritos nem copiados, porém produzidos por alguém que pensa e cria⁴⁴.

Da epopéia neroniana, quase inteiramente perdida, um escoliasta de Lucano⁴⁵ guardou três hexâmetros. Nesses hexâmetros, apesar da estreiteza da referência, podem ser detectados o gosto pela temática mitológica e a busca pela grandiosidade de tom e pelos efeitos impressionantes, como, de resto, foram as características mais marcantes de toda a literatura desenvolvida na época, sob as terríveis consequências do principado:

Do Livro I dos Troica:

E quem, varando a atravessada Pérsia, o (rio) Tigre deixou, e foi arrastado pelo grande espaço das terras, retorna às desejadas ondas, já sem saudades⁴⁶.

Em 68, a morte de Nero pôs fim a seu conturbado e sangrento governo e, com ele, a toda sequência dinástica Júlio-Claudiana. Após uma rápida sucessão de três fracos imperadores, Galba, Oto e Vitélio, acedeu ao governo a dinastia flávia —

⁴⁴ Suet. Nero. 52: “*Liberalis disciplinas omnis fere puer attigit. Sed a plilosophia eum mater avertit monens imperaturo contrariam esse; a cognitione veterum oratorum Seneca praeceptor, quo diutius in admiratione sui detineret. Itaque ad poeticam pronus carmina libenter ac sine labore composuit nec, ut quidam putant, aliena pro suis edidit. Venere in manus meas pugillares libellique cum quibusdam notissimis versibus ipsius chirographo scriptis, ut facile appareret non tralatos aut dictante aliquo exceptos, sed plane quasi a cogitante atque generante exaratos.*”

⁴⁵ Meyrus (1838): 71.

⁴⁶ Meyrus (1838): 51: “*Quique pererratam subductus Persida Tigris/ Deserit, et longo terrarum tractus hiatu/ Reddit quaesitas iam non quaerentibus undas*”.

Vespasiano e seus dois filhos, Tito e Domiciano. Do velho general Vespasiano, que buscara manter-se afastado em tudo do modelo neroniano de príncipe-poeta, notadamente no tocante às suas relações com a cultura⁴⁷, embora as fontes digam que ele tenha cuidado de fundar bibliotecas, de conferir privilégios a docentes e de financiar a instituição de escolas de retórica latina e grega⁴⁸, não chegaram notícias de que praticasse literatura ou de que se rodeasse de intelectuais. Quanto a Tito, seu primogênito e primeiro sucessor, parece ter seguido a política cultural do pai. Além disso, dada a brevidade de seu principado, pouca ou nenhuma importância terá tido seu gosto para a produção poética do período. Quanto às suas eventuais veleidades poéticas, não apenas Suetônio⁴⁹, mas também Eutrópio indicou-lhe algum pendor literário, apesar de que registros não tenham sobrevivido e de que influências a partir deles não tenham sido estabelecidas:

*Sucedeu-lhe o filho Tito, que ele mesmo foi chamado de Vespasiano. (...). Fez discursos em latim e compôs poemas e tragédias em grego*⁵⁰.

Outra, porém, terá sido a atitude de Domiciano, o último dos imperadores flávios, em relação à cultura e à produção literária sob seu governo. Embora Suetônio tenha afirmado que aquele *princeps* não se dedicara à poesia ou ao ato de escrever, e que no início de seu governo descurara do incentivo à cultura⁵¹, é certo que posteriormente houve um vivo relançamento do apoio à produção poética, mas sob o viés propagandista de que, antes de tudo, os versos celebrassem o imperador e seus feitos — daí o ressurgimento da literatura de circunstância e ufanista, de feições

⁴⁷M. Citroni et alii (2006): 824.

⁴⁸Suet. *Ves.* 18-19.

⁴⁹Suet., *Tit.* 3.

⁵⁰Eutr. 8. 21: “Huic Titus filius successit, qui et ipse Vespasianus est dictus. (...). Causas Latine egit, poemata et tragoedias Graece composuit”.

⁵¹Suet. *Dom.* 20.

grandiloquentes e servis, tão típicas dessa fase da literatura latina. Além disso, em evidente contraste com os dados estabelecidos nas *Vitae* de Suetônio, outras fontes, como Quintiliano⁵², Marcial⁵³ e Valério Flaco⁵⁴ referem-se à existência de ao menos um poema épico atribuído a Domiciano antes de se tornar imperador, sobre as vitórias de Tito na guerra da Judéia. Condenado, porém, pelo Senado, à *damnatio memoriae*⁵⁵, não apenas a obra do último imperador flávio perdeu-se inteiramente, mas também o seu dirigismo que conduziu a literatura latina durante quinze anos de governo.

Após a morte de Domiciano, mais uma vez a virada política alterou o cenário do poder e a literatura latina. Isso porque, com os imperadores subsequentes, findaram-se os conflitos entre o governo e a ordem senatorial. Tinha início um quadro de concórdia social em que se suspendeu a repressão à liberdade de expressão dos poetas; e os intelectuais, até então submetidos ao silêncio pelo dirigismo exacerbado de Domiciano, experimentaram uma imediata libertação, como se depreende da frase com que Tácito comemora o fim do reinado flaviano: *nunc demum redit animus* — “agora finalmente se volta a respirar”⁵⁶. No novo ambiente de vigência da *libertas* e de *securitas*, a literatura, já desvinculada dos condicionamentos do poder, voltou-se para a reflexão descomprometida com a realidade, tornando-se a cultura uma ocupação agradável e de feição predominantemente decorativa, com manifestações de virtuosismo, com o alastramento de temas galantes e amorais, e com a prática de gêneros raros⁵⁷.

Nessas novas sendas literárias, as fontes antigas inserem também a notícia de alguma produção poética daqueles impera-

⁵² Quint. *Inst.* 4. 1.

⁵³ Mart. 5.5.7.

⁵⁴ V. Fl. 1. 12.

⁵⁵ Suet. *Dom.* 23.

⁵⁶ Tac. *Ag.* 3.

⁵⁷ M. Citroni et alii (2006): 895.

dores que, embora não se impondo como modelares aos intelectuais, ainda assim possuíam alguma influência sobre o gosto literário da aristocracia. Quanto a Nerva, há os registros de Marcial⁵⁸ que o celebraram como o Tibulo de seu tempo, além de um elogio de Plínio, o Moço⁵⁹, à excelência de seus versos. Já de Trajano, cuja conhecida resistência à celebração de sua pessoa desencorajara a produção da poesia de corte⁶⁰, apenas uma breve menção no gramático Prisciano, do século VI d.C., remete a um certo poema histórico sobre a guerra da Dácia⁶¹ como sendo de sua autoria.

Apesar do pouco empenho de Trajano no favorecimento às produções literárias, uma outra fundamental alteração política ocorreu a partir do seu principado — o alargamento do horizonte cultural do império. Afinal, como Trajano era de ascendência hispânica, como também o era Adriano, seu primeiro sucessor, sua ascensão ao trono demonstrava a inserção das aristocracias provinciais nos ambientes de poder, importando, então, a liberdade de um certo afastamento das tradições e das vinculações relativas à história particular latina, a ponto de Juvenal chamar sarcasticamente Roma de *Graeca Urbs*⁶². Por esse motivo, foi possível a adesão dos novos imperadores aos modelos culturais do helenismo, talvez pela razão estratégica de assim reforçar a unidade do Estado⁶³. Em contrapartida, a literatura em língua latina diminuiu sua produção, passando a ser comum a escrita de temas romanos em língua grega, como nas obras históricas de Dião Cássio ou de Apiano. Por sua vez, o esforço literário poético ainda empreendido em latim dedicou-se a temas

⁵⁸ Mart. 8. 70. 7.

⁵⁹ Plin. *Ep.* 5. 3. 5.

⁶⁰ M. Citroni et alii (2006): 893.

⁶¹ Prisc. in *G.L.* 2. 205.

⁶² Juv. 3, 61.

⁶³ M. Citroni et alii (2006): 967.

menores e de ambições reduzidas, privilegiando temáticas curiosas, exercícios linguísticos e pequenas erudições, em uma tendência que ficou conhecida como a dos *poetae novelli*⁶⁴, dentre os quais se inclui o próprio Adriano, cuja produção poética autoral entre os césores foi a que mais sobreviveu.

Adriano foi homem de esmerada cultura, como afirma Espartiano na *Historia Augusta*:

*Foi, enfim, aplicadíssimo aos poemas e às letras, peritíssimo em aritmética, geometria e pintura. Cultivava para si a ciência do canto e da cítara. Era ardente nos desejos. Na verdade, compôs muitos versos a seus diletos e escreveu poemas de amor*⁶⁵.

Apesar de Espartiano atribuir a Adriano, em um passo um pouco anterior de sua biografia, uma certa obra chamada *Catachannae* (ou *Árvores de muitos ramos*, em grego)⁶⁶, correspondente a uma coletânea de diversos temas, de sua suposta autoria restam apenas seis poemas. O primeiro, e mais famoso, endereçado à própria alma, foi reportado pelo próprio Espartiano, com a indicação de que o imperador o teria ditado na hora de sua morte. Trata-se de uma pequena peça literária rebuscada, enriquecida pela sequência de diminutivos e pela delicada sonoridade das rimas, que exprimem a inquietude diante da morte matizada por melancolia:

Na hora da morte:

*Pequena alma inquieta e branda,
hóspede e companheira do corpo,
irás agora a lugares*

⁶⁴ M. Citroni et alii (2006): 995.

⁶⁵ Spartianus, *De Vita Hadrianii Aelii*. 14. 8-9, in D. Magie, ed. (1991) *Fuit enim poematum et litterarum nimium studiosissimus. 9 Arithmeticae, geometriae, picturae peritissimus. Iam psallendi et cantandi scientiam prae se ferebat. In voluptatibus nimius. Nam et de suis dilectis multa versibus composuit. (amatoria carmina scripsit.)*.

⁶⁶ Spartianus, *De Vita Hadrianii Aelii*. 16.2, in D. Magie, ed. (1991).

*pálidos, frios e nus,
e não te divertirás, como costumás*⁶⁷.

O segundo poema, citado pelo mesmo autor, seria uma resposta aos versos em que Floro dizia não querer ser César. Na quadra de resposta, decalcada do poema original, Adriano retrucou com franca ironia e com um fecho obsceno a atitude epicurista de Floro, ocupado com as tavernas e bodegas:

Resposta a Floro:

*Não quero ser Floro,
andar pelas tavernas,
frequentar as bodegas
e suportar roliços ferrões*⁶⁸.

Um terceiro fragmento, constituído de um verso apenas, foi reportado por Apuleio, segundo quem Adriano, diante do túmulo do amigo e poeta Vocônio, teria composto seu epitáfio:

Epitáfio de Vocônio:

*Eras lascivo no verso, mas pudico na mente*⁶⁹.

Em sequência, um outro epitáfio, reportado desta vez por Meyrus a partir da *Anthologia Latina* de Burmann, refere-se a um Sorano, que certa vez, diante do imperador, lograra atravessar o Danúbio a nado, com todas as armas, e que se jactava de sua perícia com o arco:

Epitáfio a Sorano, o Batavo.

*Eu sou o outrora mais famoso nas orlas da Panônia,
o primeiro, entre os mil fortes varões batavos:*

⁶⁷ Spartianus, *De Vita Hadrianii Aelii*. 25, in D. Magie, ed. (1991): "*Animula vagula, baldula, / Hospes comesque corporis, / Quae nunc abibis in loca / Pallidula, rigida nudula, / Nec, ut soles, dabis iocos*".

⁶⁸ Spartianus, *De Vita Hadrianii Aelii*. 16, in D. Magie, ed. (1991): "*Ego nolo Florus esse, / Ambulare per tabernas, / Latitare per popinas, / Culices pati rotundos*".

⁶⁹ Apul. *Apol.* 11, 3: "*Lascivus versu, mente pudicus eras*".

consegui, tendo Adriano por juiz, atravessar a nado
as vastas águas do profundo Danúbio, sob todas as armas,
e , enquanto ainda pendia e voltava no ar uma flecha atirada pelo arco
com uma outra flecha acertei-a e parti.
Quem nem o romano, nem o bárbaro, ou o soldado com a lança,
ou parto com o arco puderam vencer,
aqui se encontra. Aqui, num monumento de pedra consagrei meus feitos.
Se alguém depois me vir, que siga as minhas façanhas.
Com meu exemplo, tornei-me o primeiro a realizar tais coisas⁷⁰.

Da citada *Anthologia* de Burmann proviria também o registro do quinto poema, em que o tema mitológico sobressai-se para cantar as vitórias das amazonas. Note-se a acentuada marcação rítmica e a musicalidade das rimas internas:

Das Amazonas

Quando as trompas de guerra soaram, a violenta Hipólita
matou Teutro; Lice, Clono; Alce, Oebalo —
Oebalo com a espada; Clono com o dardo; Teutro com as flechas;
Clono foi ferido no rosto; Oebalo, no flanco; Teutro, nailharga.
Teutro já passara da infância; Oebalo era moço; Clono, varão.
Oebalo ia a cavalo; de carro, Clono; Teutro, a pé;
Teutro era filho de Íflico; Clono, de Doriclo; Oebalo, de Idas
— o argólico Teutro, o mésio Clono e o árcaide Oebalo⁷¹.

Por fim, há ainda um último epitáfio, endereçado a seu cavalo Borístenes:

⁷⁰ H. Meyrus (1838): 70: “Ille ego Panmoniis quondam notissimus oris,/ Inter Mille viros primus fortesques Batavos,/ Hadriano potui qui iudice vasta profundil/ Aequora Danubii cunctis tranare sub armis,/ Emissumque arcu, dum pendet in aere, telum,/ Ac redit, ex alia fixi freguique sagitta./ Quem neque Romanus potuit, nec barbarus umquam, / Non iaculo miles, non arcu vincere Parthus,/ Hic situs, hic memori saxo mea facta sacravi/ Viderit, anne aliquis post me mea gesta sequatur./ Exemplo mihi sum, primus qui talia gessi”.

⁷¹ H. Meyrus (1838): 72: “Ut Belli sonuere tubae, violenta peremit/ Hippolyte Teuthranta, Lyce Clonon, Oebalon Alces;/ Oebalon ense, Clonon jaculo, Teuthranta sagitta. / Figitur ora Clonus, latus Oebalus, ilia Teuthras. / Plus puero Teuthras, puer Oebalus, at Clonus heros. / Oebalus ibat équo, curro Clonus, at pede Teuthras; / Iphicli Teuthras, Doryli Clonus, Oebalus Idea,/ Argolicus Teuthras, Moesus Clonus, Oebalus Arcas”.

Epitáfio do cavalo Borístenes

O alano Borísteres
é o cavalo de César
que, pelo mar e pelos pântanos,
pelos montes e arbustos
costumava correr
atrás dos javalis panônicos.
Ao perseguidor, nenhum javali
com dente branco
ousou fazer mal
ou lançou a saliva da boca
da cabeça à cauda,
como costuma fazer.
Porém, na vigorosa juventude,
o inviolado corpo
morreu no seu dia,
e está neste campo⁷².

Em 138 d.C. morria Adriano, e os imperadores que se seguiram afastaram-se cada vez mais da prática e do cultivo da literatura latina, sendo sintomaticamente em grego o registro das *Meditações* de Marco Aurélio. Por sua vez, o latim tornou-se predominantemente a língua dos juristas e dos pensadores cristãos, enquanto a literatura latina pagã encontrava seu melancólico ocaso. Um último registro das veleidades poéticas latinas dos césaes pode, finalmente, ser encontrado na indicação deixada por Ausônio⁷³ de que o imperador Valentiniano teria escrito em latim um certo epitalâmio, mas nenhum verso seu sobreviveu ao tempo.

⁷² H. Meyrus (1838): "*Borystenes Alano / Cesareus veredus, / Per aequor et paludes / Et tumulos et ruscus / Volare qui solebat / Pannonicos in apros. / Nec ullus insequentem / Dente aper albicanti / Ausus fuit nocere, / Vel extimam saliva / Sparsit ab ore caudam / Ut solet evenire. / Sed integer iuventa, / Inviolatus artus, / Die sua peremptus / Hoc situs est in agro.*"

⁷³ Aus. Epist. 18, 2.

3. Conclusão.

O estudo emulatório de poesia fez parte da educação do *vir romanus* desde os tempos mais remotos da República, já que a própria literatura latina parece ter tido seu início no esforço poético-tradutório de Lívio Andronico, o mestre-escola que primeiro vertera para o latim a *Odisseia* com provável intuito de fornecer a seus alunos o material didático necessário ao ensino. Além disso, uma certa aspiração à imortalidade sempre esteve presente nos exercícios literários dos antigos poetas e pretendentes às letras, como já bem se vê no auto-elogio de Horácio, que se glorificava de ter erguido com suas obras um monumento mais perene que o bronze⁷⁴. Por isso, a produção poética dos Césares — homens na maioria das vezes provenientes das mais altas e cultas esferas da aristocracia romana e provincial — seria o registro das veleidades literárias de um cidadão romano comum, não fossem a proeminência do cargo exercido e a inevitável influência havida sobre todos aqueles que frequentassem a corte, ou que dependessem dos favores imperiais. Afinal, tanto o mecenato oficial, de caráter predominantemente propagandista, quanto as práticas adulatorias sempre em busca das graças dos *principes* exerceriam alguma forma de dirigismo sobre a produção literária latina global. Ademais, mesmo considerando como falsas ou duvidosas muitas das atribuições dos versos tidos por cesáreos, ainda assim, no imaginário construtor dessas atribuições, foram os gostos e preferências daqueles imperadores que marcaram de modo indelével boa parte da produção poética que então se fazia.

⁷⁴ Hor. *Carm.* 3. 30.

4. Bibliografia

- C. Millares (1995), *Historia de la Literatura Latina*. Fondo de Cultura. México.
- D. Bailey, ed. (1993), *Martial — Epigrams, Spectacles, Books 11-14*. Vol.3, The Loeb Classical Library. London and New York.
- D. Magie, ed. (1991), *Historia Augusta*, Vol. 1, The Loeb Classical Library. London and New York.
- Germanicus (1838), *Germanici Caesaris inclyti ducis, poetae elegantis, reliquiae quae extant omnes*. Londini.
- H. Meyrus (1838), *Anthologia veterum latinorum epigrammatum et poematum - Annotationes*. Lipsiae.
- J. Pigeaud, ed (1999), *Apulée — Apologie*, Les Belles Lettres. Paris.
- J. Rolfe, ed. (1914), *Suetonius*, 2 Vols., The Loeb Classical Library. London and New York.
- M. Citroni, F. Consolino, M. Labate, E. Narducci (2006), *Literatura de Roma Antiga*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- P. Grimal (2001), *O Século de Augusto*. Setenta. Lisboa.
- R. Meyer (1982), "Neronian Classicism", *AJPh* 103: 305-318.

* * * * *

Resumo: Por meio dos mecenatos oficiais, com seus objetivos políticos, ou em razão do convívio das cortes normalmente refinadas e cultas, o gosto poético dos imperadores romanos dirigiu, por cooptação ou por incentivo à adulação, a produção literária dos intelectuais de seu tempo. Assim, o estudo dos poemas atribuídos aos Césares permite a compreensão das vicissitudes da própria produção literária imperial romana.

Palavras-chave: *Carmina Imperialia*, mecenato imperial.

Resumen: A través de los mecenazgos oficiales, con sus objetivos políticos, o gracias a la convivencia de las cortes normalmente refinadas y cultas, el gusto poético de los emperadores romanos dirigió la producción literaria de los intelectuales de su tiempo, por asimilación o por incentivos a la adulación. De este modo, el estudio de los poemas atribuidos a los Césares permite la comprensión de las vicisitudes de la propia producción literaria imperial romana.

Palabras clave: *Carmina Imperialia*, mecenazgo imperial.

Resumé: Grâce aux mécénats officiels, et à leurs buts politiques, ou en raison des cours normalement raffinées et cultes, le goût poétique des empereurs romains, dirigea, par cooptation ou par encouragement à la flatterie, toute la production littéraire des intellectuels de l'époque. Par conséquent, l'étude des poèmes attribués aux Césars permet que les vicissitudes de la production littéraire impériale romaine soient comprises.

Mots-clé: *Carmina Imperialia*, mécénat impérial.